

AGOSTINHO DA SILVA E JOSÉ LUÍS CONCEIÇÃO SILVA: PROFESSORES LUSO-BRASILEIROS NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA¹

Lúcia Helena Alves de Sá²

RESUMO

Com o intuito de que a memória esquecida da Universidade de Brasília (UnB) não permaneça por mais 50 anos nos subterrâneos da história da fundação da Universidade de Darcy Ribeiro, o presente artigo destaca duas personalidades luso-brasileiras, Agostinho da Silva e José Luís Conceição Silva, que ajudaram a formar a intelectualidade acadêmica dessa Instituição de Ensino Superior para que ela fosse a melhor de todas as universidades do país. O professor Agostinho fundou e organizou o Centro Brasileiro de Estudos Portugueses (CBEP) e a Faculdade de Teologia, reanimou os laços diplomáticos entre os países africanos e o Brasil e foi o idealizador da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). O professor Conceição Silva foi diretor do CBEP, exerceu atividades no campo da Reforma Agrária e foi expulso da UnB durante o regime militar.

Palavras-chave: Agostinho da Silva; Conceição Silva; Universidade de Brasília; Centro Brasileiro de Estudos Portugueses; reforma agrária; história

ABSTRACT

University Darcy Ribeiro - now known as University of Brasilia - UnB has an incredible memory and the people should know better about the personalities who built its 50 years of history. This article wants to show the importance of two special Portuguese-Brazilian teachers: Agostinho da Silva and José Luís Conceição Silva, who helped to build intellectually the University of Brasilia. That's why it is considered one of the best Brazilian Universities. Agostinho da Silva established and organized the Brazilian Center of Portuguese Studies (CBEP) and the Theology College. He was responsible for the diplomatic relation among African countries and Brazil as well as the creation of the Country Community of Portuguese Language (CPLP). Conceição Silva was the director of the Brazilian Center of Portuguese Studies (CBEP). He worked in the Brazilian Land Reform and he was banished from UnB during the Military Regime.

Keywords: Agostinho da Silva; Conceição Silva; University of Brasilia (UnB); Brazilian Center of Portuguese Studies (CBEP); Land Reform, history

1 Texto original, intitulado "Agostinho da Silva e a Reforma Agrária", escrito por José Luís Poças Leitão Conceição Silva, apresentado em palestra na Universidade de Brasília em 20 de agosto de 2002. O conteúdo textual foi revisto, adaptado e ampliado para esta publicação pela professora Lúcia Helena Alves de Sá.

2 Pesquisadora da obra do professor George Agostinho Baptista da Silva e Presidente da CASA AGOSTINHO DA SILVA, com sede em Brasília, que agrega acervos agostinhos e de José Luís Poças Leitão Conceição Silva.

A memória da Universidade de Brasília (UnB) não pode permanecer nos subterrâneos da história recente do país. Por isso, o presente artigo destaca duas personalidades luso-brasileiras - Agostinho da Silva e José Luís Conceição Silva - que, muito afins aos ideais humanistas de Darcy Ribeiro, Anísio Teixeira e Cyro dos Anjos, ajudaram a formar a intelectualidade acadêmica dessa Instituição de Ensino que foi fundada para ser a melhor do Brasil.

A vida de Agostinho da Silva foi atravessada por diversos momentos distintos, marcados cada um, por características muito particulares da sua personalidade possuidora de aspectos de feição cultural, religiosa e política. Esse filósofo e pedagogo salazarista, em todos os lugares por onde passou e deixou evidente a defesa dos direitos humanos luso-brasileiros, foi homem livre e libertário. Em Portugal, foi anti-Salazarista. Em questões religiosas, certamente, foi um convicto crente no Jesus Cristo do Sermão da Montanha, mas também, um admirador do budismo que considerava muito próximo de um ateísmo esclarecido e um posicionamento de dúvida que ia da crítica ao catolicismo de Roma à aceitação parcial da contestação de Espinosa às crenças em deuses antropomórficos, consideradas superstições, fruto da ignorância.

Podemos definir três períodos distintos nos primeiros 61 anos de vida de Agostinho. O primeiro, até os 28 anos, inicia-se com a sua formação na Universidade do Porto, depois como candidato a professor do Liceu de Aveiro e termina com a recusa em assinar a declaração obrigatória para todos os funcionários públicos, no regime de Salazar, de não pertencer à associação secreta alguma (leia-se: Maçonaria e Partido Comunista) nem professar ideias contrárias à existência de Portugal como nação independente. Agostinho, a quem não caberia nenhuma dessas acusações, não assinou a declaração e, por isso, ficou impedido de assumir o cargo de docente do Liceu de Aveiro ou de qualquer outra função pública.

O segundo período, que durou cerca de 10 anos, abarca os trabalhos de Agostinho, em Portugal, como professor em escolas particulares, publicação de textos diversos como as *Biografias* e os *Cadernos de Informação Cultural*, viagens para a Espanha e França onde estudou, lecionou e manteve contato com portugueses imigrados, quase sempre por razões políticas. Essa temporada termina com a sua partida de Portugal para a América do Sul e a sua chegada ao Brasil em 1947, ano que marca o princípio da terceira etapa da vida agostiniana em nosso país.

Dos 25 anos de vivência no Brasil, entre as ações empreendidas por Agostinho da Silva, destaca-se a sua participação na fundação, em 1961, da Universidade de Brasília (UnB) no Centro-Oeste. O antropólogo Darcy Ribeiro enviou ao professor Agostinho o projeto dessa universidade quando ainda trabalhava no Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO), da Universidade da Bahia (1957). Logo compreendeu que a futura instituição de ensino superior teria por meta preparar docentes para as outras universidades, transformando mentalidades tacanhas presas a modelos educacionais antigos e estrangeiros.

O pedagogo luso-brasileiro acreditou que a UnB seria o melhor ambiente para se publicar as mais novas obras de Física, Biologia, Química e outras áreas do conhecimento. Ademais, prospectivou que essa Universidade seria o retrato da sociedade solidária, de postura indagativa, de autoquestionamento político, econômico e social, configurando-se como modelo exemplar para todas as outras instituições já existentes no País ou que viessem a se constituir.

Na UnB, o professor Agostinho idealizou a criação da Faculdade de Teologia que deveria contar com a presença e participação de representantes das várias religiões e atitudes reflexivas existentes no Brasil, entre elas, as de origem africana. Como o nosso país é monoteísta e politeísta ao mesmo tempo, as pessoas vivenciariam a sua religião em acomodações apropriadas aos ritos e às festas de acordo com suas liturgias e poderiam entrar nessa Faculdade livremente sem exigência alguma da Universidade, sem sequer se colocar em questão se tinham instrução primária ou não.

A Faculdade de Teologia teria a incumbência de abarcar as religiões da América, da África e da Ásia no que tivessem de ecumênico e todo ateísmo e agnosticismo, consolidando a abertura a conversas interculturais e inter-religiosas, à ritualização das origens e dos ancestrais por meio de variadas mediações simbólicas e ritos adequados a circunstâncias de cada grupo.

Se a teologia serve para alguma coisa é para tentar arranjar uma explicação cabal para o Universo que tente ser a síntese de todos os saberes. Então, não há sentido haver sistemas religiosos que se contradigam uns com os outros. É por isso que Agostinho da Silva indagava que uma teologia que quisesse ser a explicação total do Universo teria de incluir aquilo que lhe aparecesse como adversário.

À Faculdade de Teologia, as pessoas deveriam chegar livres de preconceitos que impedem a aquisição de conhecimentos, de cultura entre culturas. Entretanto, essa educação teológica de caráter libertário e ecumênico, deveras “conversável”, disposta a alargar nossos traços identitários, provocaria acusações esquerdistas à nova Universidade pelas forças conservadoras, posteriormente, militares. Para evitá-las ao máximo, o reitor Darcy Ribeiro, achando demasiado audaciosa a proposta do professor Agostinho - que acompanhava os fluxos de modernidade - criou uma Faculdade de Teologia de cunho católico, sob a direção de Frei Mateus, um representante dos dominicanos, que foi expulso da UnB pela revolução dos coronéis em 1964.

As restrições impostas pelo regime militar à UnB favoreceram as fragmentações das relações humanas, provocando a saída de professores e dissolvendo a cumplicidade mantida entre seus segmentos dando fim, em 1972, à outra proposição de Agostinho da Silva: o Centro Brasileiro de Estudos Portugueses (CBEP).

Afastando qualquer possibilidade de interferência de tipo colonialista do governo português, o professor Agostinho coordenou

o CBEP, fundado em 21 de abril de 1962, com o intuito de que o Brasil viesse a conhecer Portugal de fato, porque a História brasileira passa obrigatoriamente pelo entendimento da História de Portugal, de modo que se faria até mesmo bem mais compreendida, pelo menos até meados do século XIX, a mundividência de ideia de laços de origem indissolúveis e evidentes que impõem uma unicidade: a mesma língua e comum literatura.

Com a fundação do CBEP, fortaleceram-se os intercâmbios entre Brasil e Portugal, e a partir dele, Agostinho começou a pensar em uma Comunidade de Língua Portuguesa, o que hoje já está estruturado: a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), constituída por oito países-membros (Brasil, Portugal, Moçambique, Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste).

No Centro Brasileiro de Estudos Portugueses, George Agostinho firmou o convívio interfecundante entre diversas áreas do conhecimento e fez germinar o interesse de professores, estudantes e intelectuais pela Cultura de Língua Portuguesa, em especial, pelos estudos sobre raízes portuguesas no Brasil. Nessa perspectiva, essencialmente cultural, a implantação do CBEP visava a investigação da influência da cultura lusófona na base da formação do Brasil e o entendimento de que o Brasil foi povoado, a despeito da história oficial nada disso relatar, por uma gente fugida da opressão e da miséria, difundindo aqui a ideia de o Quinto Império: economia coletivista, organização democrática e liberdade religiosa. Já que o termo “Império” supõe um Imperador, Agostinho da Silva preferiu usar a expressão Reino do Espírito Santo no qual haveria prosperidade e ecumenismo.

O CBEP - além de ter a tarefa de preparar os serviços de extensão cultural da UnB, agenciando cursos para a comunidade de Brasília, mormentemente congressistas e outras categorias profissionais - promoveu o estudo da Cultura Portuguesa no Extremo Oriente, tendo sido Goa a primeira região a divulgá-la. Na direção do Centro, Agostinho conseguiu montar “[...] uma biblioteca portuguesa de cerca de vinte e cinco mil números e uma mapoteca, que é certamente uma das melhores coleções de cartografia de Portugal e seus territórios ultramarinos; [...]”, o que se deu com o apoio e incentivo do governo português e da Fundação Calouste Gulbenkian.

Agostinho da Silva pretendia disseminar o Centro em Goiás Velho (Goiás), Ribeirão da Ilha (Santa Catarina), Olinda (Pernambuco), Alcântara (Maranhão) e Cachoeira-São Félix (Bahia) com o intuito de reunir documentos sobre o Brasil. Exemplo de uma dessas iniciativas foi a fundação da Casa Reitor Edgard Santos, em Cachoeira (Bahia), nítida extensão do CBEP.

Foi por meio do CBEP que Agostinho da Silva, também, alargou o ambiente acadêmico para além dos muros universitários, indo ministrar aulas no barracão de Sobradinho, um espaço cultural - fundado e dirigido por Teodoro Freire que era funcionário do Centro -, em pleno Cerrado do Planalto Central destinado à preservação do festejo do bumba-meu-boi e a outros eventos típicos do Maranhão.

Para o barracão de Seu Teodoro que é, atualmente, patrimônio imaterial brasileiro, conhecido pelo nome de Centro de Tradições Populares de Sobradinho, ocorria gente humilde para ouvir as “conversas-livres” do professor Agostinho que dizia, conforme se lê em *Vida Conversável* (1994) “que os seus auditores lhe trouxeram mais do que ele lhes deu, pelo apuramento de ideias a que lhe obrigaram e pela experiência da vida que a ele comunicaram, mesmo quando permaneciam silenciosos durante os seus monólogos”.

Apesar da concretização de projetos culturais iniciados no CBEP e implantados em outras regiões que tiveram influência lusófona, Agostinho da Silva, nos dois anos que se passaram entre 1967 e 1969, reduziu sua participação nas atividades brasileiras. Perdeu aparentemente o interesse manifestado até então pelos problemas do Brasil e, talvez desgostoso e desiludido com a permanência dos militares no poder e, sobretudo, pelo desinteresse verificado entre os brasileiros por Portugal e suas relações históricas com o Brasil, considerou finda a sua permanência na UnB. Retorna brevemente à Santa Catarina e regressa a Portugal em agosto de 1969.

Dois anos antes de voltar a Portugal, Agostinho vai a Lisboa e convida o professor José Luís Poças Leitão Conceição Silva (1917-2011) - ativista político anti-salazarista que desde os anos de 1932 já integrava o Partido Comunista - para assumir o cargo de Diretor Executivo e Coordenador Substituto do CBEP, cujos planos de atuação envolviam, nomeadamente, a intensificação das relações culturais Brasil-Portugal e a investigação do “brasileirismo”.

Agostinho da Silva delineou ao professor José Luís o ambiente da vida comum no Brasil, seus defeitos e qualidades, seu potencial nos setores cultural e econômico. Desenvolveu a descrição do povo, mormentemente o do Nordeste, a grandeza do país e a infinidade de possibilidades de trabalho que aqui se oferecia.

O professor Conceição Silva tinha predicados suficientes que justificavam o interesse agostiniano de considerá-lo competente para substituí-lo na coordenação do CBEP. Detinha conhecimentos como Historiografia Portuguesa, Arquitetura Popular Portuguesa, Tecnologia de Alimentos, Questão e Ordenamento Agrário e Reforma do Setor Primário da Economia do Brasil; professor de Física e Matemática, agricultor e economista agrário, engenheiro geógrafo, astrônomo, historiador, escritor, orador, entende-

1 Correio Braziliense, Caderno Cultural, Agostinho da Silva. “Comemoração de Os Lusíadas” - Brasília, sexta-feira, 23 de fevereiro de 1973.

dor de teatro e perito em música. Estudioso do Político de São Vicente, datado do século XV, que se transformou em verdadeiro ícone artístico-cultural, ideológico e até mesmo político da história portuguesa.

Conceição Silva, em 26 de maio de 1967, assume o cargo que lhe foi oferecido e Agostinho, de fato, diminuiu suas ações junto à UnB e mesmo no Brasil, pois, além dos motivos já apontados, pensava em um plano vastíssimo de contatos que pretendia realizar e que, de certo modo considerava interrompido, contra seu desejo, devido ao governo dos coronéis instalado em nosso país a partir de 1964.

José Luís, ao chegar ao Brasil, interessou-se, especialmente - quer em análises teóricas desenvolvidas em conversas com Agostinho, quer em tentativas de trabalho prático realizado ou tentado no meio rural - pela economia do Setor Primário no Brasil, pois acreditava que aqui (como em Portugal) seria necessário iniciar o que chamou de “verdadeira Reforma Agrária”. Desse modo, insistia para que o amigo fundador do CBEP o mantivesse informado dos problemas da agricultura brasileira.

Ao saber da opinião, comumente manifestada, de que o Cerrado era uma formação natural de solos, fauna e flora imprópria para a agricultura, o professor Conceição (como ficou mais conhecido) contestou com veemência. Isso o levou a recorrer à Biblioteca da UnB e ler tudo o que pôde encontrar a respeito. Deparou-se, então, com os estudos publicados, em 1930, por Leo Weibel (geógrafo alemão, criador da Geografia Agrônômica) sobre a região do Cerrado.

Depois tomou conhecimento de resultados já obtidos no campo experimental de Goiânia, a 200Km de Brasília, dirigido por um agrônomo polonês que confirmava que os 200 milhões de hectares do Cerrado brasileiro constituem, potencialmente, uma riqueza que poderá levar o Brasil ao primeiro plano de produção agropecuária do mundo.

Questionava-se o professor José Luís como era possível, no Brasil, haver opiniões contrárias àqueles estudos sobre a economia rural, com exceção de uma pequena área no Sul e Sudeste conhecida pela existência das “terras roxas”, qualquer coisa como apenas 4% do território brasileiro. Impressionado com tanta ignorância e desconhecimento da realidade nacional, começou a investigar o assunto. Trocava impressões com Agostinho da Silva, informando-o de tudo o que fizera e conseguira em Portugal no que respeitava ao desenvolvimento de novas tecnologias na área da agropecuária.

O novo coordenador do CBEP lembrou ao professor Agostinho que, em 1951, tinha sido publicado nos Estados Unidos e divulgado em todo o Mundo o *Manual de Conservação do Solo* que foi por aquele usado para efetuar experiências em Moura, no Alentejo. Uma tradução em português foi publicada com vistas, sobretudo, à aplicação no Brasil. Porém, o manual foi muito pouco difundido por aqui, adotado, na prática, apenas uma parte ínfima de seu conteúdo nas regiões Sul e Sudeste.

Agostinho da Silva se interessou pela pesquisa do novo coordenador do CBEP e juntos chegaram a pensar em conseguir uma área de terra no Distrito Federal para tentar uma experiência sobre o emprego de novas tecnologias. Algo que só aconteceria anos depois, já com Agostinho em Portugal.

O professor Conceição e dois integrantes do Centro, Roberto Pinho e Luiz Carlos Pontual, compraram, em 1973, uma área rural com 1.300 hectares, no Estado de Goiás, e instalaram a Fazenda Guariroba. Eles iniciaram a exploração da terra orientada no sentido da inovação tecnológica e sem riscos para o solo e para o agricultor, incentivando meios de sustentabilidade ambiental, preferindo, assim, a produção de alimentos o mais natural possível e valorizando o trabalho cooperativo, opinião defendida por Agostinho, que via no trabalho cooperativo e comunitário, indícios do processo de uma verdadeira reforma do setor agrário de nossa economia.



Arquivo Casa Agostinho da Silva

Figura 1. Professor José Luís Conceição Silva na Fazenda Guariroba (Ano: 1975)

A Fazenda foi vendida em 1977, inviabilizada por problemas comerciais insolúveis provocados pelo controle do mercado pelos intermediários e atravessadores que absorviam os lucros e impediam a iniciativa de renda direta aos produtores. Da Guariroba, ficou a canção “Refazenda” do auxiliar financeiro dessa área rural, o músico e letrista Gilberto Gil.

O que nos interessa por em relevo, ao citarmos tanto a construção da Fazenda Guariroba quanto a canção “Refazenda”, é a Reforma Agrária cuja opinião geral ainda é pela desapropriação de latifúndios e sua divisão em pequenos lotes que devem ser entregues a famílias de trabalhadores sem terra ou a minifundiários sem as mínimas condições de vida no meio rural.

Chegamos à conclusão de que se deve entender por Reforma Agrária as orientações de Agostinho da Silva definidas em *Proposição*, texto inédito de 1974 que foi reunido em *Dispersos* (1988), obra organizada pelo filósofo português Paulo Borges. Em nossa opinião, *Proposição* resume o que se pode considerar como ideia básica da reforma do Setor Primário da Economia, absolutamente imprescindível para dar cabo à grave crise em que se abate e debate a sociedade capitalista atual.

Nas conversas com Agostinho, o professor Conceição Silva abordava várias vezes

o tema da necessidade de, na agricultura em geral, ser importante, para além da resolução dos problemas tecnológicos, a atenção aos aspectos da organização do trabalho no campo. Voltavam, constantemente, ao problema da chamada Reforma Agrária, evidentemente, de natureza social e econômica, mas considerada, acima de tudo, político. Questão difícil de se abordar quer em Portugal quer no Brasil, em virtude do perigo, temido pelos governantes, de cair em análises de soluções relacionadas com a execrada doutrina marxista ou simplesmente socialista.



Pascoal Carlos Magno

Figura 2. Da esquerda para direita: professor Agostinho da Silva, Mariana Alvim e Conceição Silva, Paty do Alferes, RJ (1968).

No segundo semestre de 1968, Agostinho da Silva esteve ausente do CBEP, pois foi lecionar em uma universidade dos Estados Unidos. Em 1969, ministrou o último curso sobre Literatura Portuguesa (*O Iluminismo*) na UnB e, no dia 8 de agosto desse mesmo ano, chamou o professor Conceição Silva à casa da psicóloga Mariana Alvim, onde morava depois de ter abandonado o seu alojamento na Trapa (ocupação dos estudantes baianos), para comunicar a sua decisão de abandonar o Brasil e voltar a Portugal.

Para o professor Conceição, as razões dessa decisão eram simples. Refletiam uma desilusão de Agostinho acerca da velha esperança de conseguir iniciar, no Brasil, uma reviravolta da opinião pública rumo à compreensão da importância de ser o povo brasileiro um produto de raiz e formação étnica e histórica do povo português, herdeiro no sentido de um espírito missionário destinado a, em tempo talvez próximo, salvar a humanidade da crise moral, política e social em desenvolvimento no mundo todo.

Agostinho da Silva queixava-se do estado lamentável do nível cultural a que estava chegando a classe média no Brasil, evidenciado pelo alheamento manifestado pelos estudantes universitários por tudo o que dissesse respeito a movimentos culturais progressistas e verdadeiramente revolucionários, no sentido positivo do termo, como se pode encontrar no Sermão da Montanha, na *Ética* de Espinosa ou no Zen-Budismo.

Partiu Agostinho para Portugal desencantado com os brasileiros, mas não em absoluto, com o Brasil dos nordestinos, das Festas do Divino, do Antônio Conselheiro e, talvez, mesmo com o do Cangaço, sem falar dos Bandeirantes com seus mamelucos destruindo as missões jesuítas.

Em Portugal, morrera Salazar ou pelo menos desaparecera. Em seu lugar, comandava a política portuguesa, Marcelo Caetano, velho conhecido de Agostinho da Silva, com o qual seria para ele mais fácil viver sem ser incomodado. Começava, assim, o quarto período de vida daquele que foi, depois de Fernando Pessoa, o Mestre da Cultura de Língua Portuguesa.

Já de regresso a Portugal, em 1972, passou a escrever para a revista *Vida Mundial*. Foi um incentivador da formação das chamadas escolas novas que, além de se centrarem nas possibilidades criadoras da criança, funcionavam como uma espécie de enfrentamento dos sistemas econômicos, políticos e das religiões instituídas e convencionais. Essas escolas foram abafadas pelos órgãos estatais que as consideravam um risco para a manutenção do *status quo*.

Em 1974, George Agostinho presenciou a Revolução dos Cravos, ocorrida em 25 de Abril. Certamente, confiou que a mudança política portuguesa, que punha fim aos 48 anos de ditadura, seria propícia para que Portugal se reorganizasse sob uma sociedade baseada na justiça e na honestidade.

A marcha dos acontecimentos político-sociais e a discordância acerca de certas iniciativas dos sucessivos governos portugueses pseudossocialistas como, por exemplo, a adesão à formação da União Européia, acentuaram as críticas de Agostinho da Silva ao governo português. Dos seus intentos de criação de um Portugal ecumênico, no sentido defendido em *Proposição - aditamento um*, pouco se comenta. E, no Brasil de hoje, é esse professor luso-brasileiro um desconhecido.

Em Portugal, onde permaneceu quase ininterruptamente, reacende a sua notoriedade pública como escritor e conferencista. Conseguiu, durante os anos 80 do século XX, editar cartas-circulares que eram remetidas para as mais diversas pessoas e instituições. Essas cartas encontraram relevante eco na imprensa para a qual o autor concedeu entrevistas de temas variados que não passaram despercebidas tanto pelo público, em geral jovem, quanto pela elite cultural e intelectual portuguesa.

Todavia, foi a estreia do professor Agostinho no programa televisivo *Conversas Vadias*, no primeiro semestre de 1990, que o tornou mais conhecido do público português e o transformou em uma das personalidades mais discutidas devido às posições críticas e muito singulares a respeito de temas diversos como, por exemplo, afirmar que a atividade à qual temos de realizar é a de sonhar e desejar que a competição acabe; que grande parte das escolas ensina coisas que já são desnecessárias; que uma das formas de poesia é a vadiagem ou que o mundo caminha tão depressa de modo que rapidamente teremos uma surpresa, quem sabe a do ócio¹.

1 Dizeres adaptados de acordo com o Volume I de *Conversas Vadias*, entrevista com Maria Elisa, Adelino Gomes e Joaquim Letria.

Apenas ao final do ano de 1990, Agostinho da Silva reiniciou o envio aos amigos de uma série de correspondências nomeadas *Uma folhinha de Quando em Quando* escritas durante o período de doze meses. Renacionaliza-se português em 1992 e, no final desse ano, volta a escrever e enviar a última série de cartas-circulares intitulada *Folhinhas Datilografadas*. Também concede sua derradeira entrevista na qual revela e mantém em relevo sua crença no futuro melhor para o mundo, publicada no *Jornal Raio de Luz*, em 1993. Em 13 de fevereiro de 1994 ainda festejou seus 88 anos, mas, infelizmente, três meses depois, no Domingo de Páscoa, falecia.

No Brasil, permaneceu o professor Conceição, atuando no CBEP como Diretor Executivo e Coordenador Substituto. Com a partida de Agostinho, o Centro estava praticamente morto. Mantê-lo em atividade depois de demitidos todos os professores nele lotados e a maioria dos funcionários, foi apenas uma questão de brio, facilitada pela proteção, que sempre se manteve, a partir da Embaixada de Portugal (que a UnB fingia respeitar) e pela colaboração da Fundação Calouste Gulbenkian que financiava bolsas de estudo para a pós-graduação de estudantes formados na UnB, em Portugal e no estrangeiro e, ainda, outras ajudas financeiras importantes e doação de livros.

Antes de sua demissão e a consequente extinção do CBEP, o professor José Luís Conceição Silva fez duas propostas de trabalho no campo das atividades relacionadas à Economia Agrária. Uma, dizia respeito à organização na Fazenda da UnB (4.000 hectares de área em um excelente local do Distrito Federal), de um assentamento de trabalhadores rurais que, orientados pelo Departamento de Agricultura, trabalhariam em regime coletivo-comunitário, bem como seria implantado um estudo de adaptação da nova tecnologia. Isso foi recusado pela Reitoria sob o pretexto de falta de verba para financiar o projeto.

A outra proposta sugeria que o professor Conceição fosse trabalhar no Campus Avançado da UnB, em Barra do Corda-MA, para desenvolver atividades no campo da agropecuária e exploração florestal. Nessa localidade, havia boas instalações e era fácil manter contato com a população do município que, como se sabe, era o maior do Brasil, com uma área superior a duas vezes a de Portugal, abrangendo todo tipo de ambientes naturais com áreas consideradas das melhores do Mundo para a agricultura. A Reitoria, novamente, negou o pedido e proibiu o coordenador do Campus Avançado de voltar a ter qualquer contato com o diretor do CBEP.

O Centro Brasileiro de Estudos Portugueses funcionou até 17 de abril de 1972 quando foi fechado definitivamente pelo governo militar que tinha a ideia equivocada de que a presença do Centro e o seu funcionamento na Capital Federal era um indício de que Portugal transformaria o Brasil novamente em colônia.

Depois de sua permanência no Centro, Conceição Silva desempenhou atividades sempre relacionadas a assuntos de agricultura e produção agropecuária no Brasil. Em 1991, foi demitido do Ministério da Agricultura pelo Presidente Fernando Collor de Mello e obteve apenas em 1992 a aposentadoria do cargo de professor da Universidade de Brasília, conforme o amparo da anistia concedida pela Constituição Federal do Brasil de 1988 àqueles que foram perseguidos pela Ditadura Militar.

A ação político-social do professor Conceição Silva, em Portugal, só foi reconhecida em 1999 quando, no dia 25 de abril, foi dado o seu nome a uma rua da cidade de Beja, lembrando - aos mais velhos e deixando registrado para a geração jovem - o seu trabalho como político antifascista que durou 35 anos (de 1932 a 1967) e as suas propostas de alteração do sistema tecnológico da agropecuária no Alentejo. Hoje, pode-se afirmar que a luta pela Reforma Agrária foi um sucesso, porém, só se podendo confirmar que ela deixou de existir em Portugal, a partir de 1991.

O modelo adotado na prática foi aquele que o professor propusera durante anos e que, no Brasil, foi apresentado por ele, sucessivamente, aos Ministros da Reforma Agrária e Desenvolvimento durante toda a sua estadia no Ministério responsável pela reforma e desenvolvimento agrários. Além dessas intervenções, de modo constante, apresentou sugestões e propostas a políticos influentes dos Governos de Fernando Collor de Mello a Fernando Henrique Cardoso, senadores, deputados e outros na liderança política brasileira, sobretudo, da oposição.

Desse modo, Conceição Silva foi uma "força formativa atuante" que - mesmo sob a incompreensão de pessoas desprovidas de qualquer preparo para a diversificação de culturas e manutenção e geração da biomassa natural - deixou evidente seu esforço modelar de socialização, comunitarismo e cooperativismo dos bens agrários e, para usar o termo político, isento de populismo. Embutida nele, como um projeto tópico, porque é de todo realizável, está a conversão - a reforma - do que até hoje se tem elaborado de melhor em relação à exploração agropecuária na qual os inconvenientes característicos na prática da agricultura moderna generalizada nos países de sistema capitalista são evitados.

Anunciou o professor Conceição Silva uma nova metodologia para exploração do campo pela atividade agropecuária, cumprindo sua missão de político de opiniões pouco ortodoxas sobre a reforma do Setor Primário da economia e que ainda não é executada por incompetência e ingerência de Governos. Todavia, nossa contemporaneidade impõe exatamente o que ele pensou e fez. Façamos valer em nossa práxis individual e social a construção de uma "nova governança mundial" em que haja, efetivamente, o combate à fome e à miséria, cuidando da Terra para que todas as gentes de todos os quadrantes possam bem viver.

*Recebido em setembro de 2012
Aprovado em outubro de 2012*

Lúcia Helena Alves de Sá é pesquisadora da obra do professor George Agostinho Baptista da Silva e Presidente da Casa Agostinho da Silva, com sede em Brasília, que agrega acervos Agostinhos e de José Luís Poças Leitão Conceição Silva, alethoar@gmail.com